



ENGENHARIA CIVIL E A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO

DOI: 10.37702/2175-957X.COBIENGE.2025.6008

Autores: PAULA CRISTINA DE SOUZA, BRUNA FERNANDA DE ANDRADE GUILHEM, CRISTIANE KREUTZ, RODRIGO CESAR PIEROZAN, JUCÉLIA KUCHLA VIEIRA, VALDOMIRO LUBACHEVSKI KURTA

Resumo: Este artigo investiga a participação feminina no curso de Engenharia Civil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Campo Mourão, entre 2010 e 2023. A pesquisa, de natureza quanti-qualitativa, analisa o ingresso, permanência, evasão e envolvimento das alunas em atividades extracurriculares, como pesquisa, extensão, Empresa Júnior e Programa de Educação Tutorial. Os dados revelam uma persistente sub-representação feminina: apenas 35% dos ingressantes são mulheres. Observou-se predominância masculina em todas as etapas da formação, desde a matrícula até a conclusão do curso. A evasão afeta ambos os gêneros, mas as mulheres apresentaram maior tendência ao trancamento e afastamento, especialmente após a pandemia de COVID-19, sugerindo impactos desproporcionais. Por outro lado, a participação feminina em atividades extracurriculares demonstra avanços importantes, com destaque para projetos de extensão e a Empresa Júnior, onde a presença de alunas se aproxima da paridade.

Palavras-chave: Participação Feminina, Evasão Acadêmica, Gênero

ENGENHARIA CIVIL E A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO

1 INTRODUÇÃO

O conceito de gênero é historicamente complexo, multidimensional e em constante evolução. Ao longo do tempo, passou a ser compreendido não apenas como uma questão biológica, mas como uma construção social, marcada por relações de poder, identidade e cultura (SCOTT; LOURO; SILVA, 1995). Essa ressignificação, entretanto, não tem sido suficiente para eliminar as desigualdades de gênero em diversos contextos, especialmente nos meios acadêmico e profissional (FECLESC, 2010; SILVA et al., 2005).

No campo da Engenharia Civil, essas desigualdades tornam-se particularmente evidentes. Historicamente caracterizada como uma área predominantemente masculina, a engenharia ainda impõe às mulheres diversos desafios relacionados à sua inserção, permanência e valorização, tanto nas universidades quanto no mercado de trabalho (SARAIVA, 2008).

Ao analisar a trajetória das mulheres na Engenharia Civil, observa-se a existência de obstáculos estruturais. No ambiente acadêmico, ainda há relatos de discriminação e preconceito velado, enquanto o ambiente profissional, tradicionalmente conservador, muitas vezes resiste à inclusão e à ascensão feminina (LOMBARDI, 2005). Apesar dos avanços registrados nas últimas décadas, a sub-representação das mulheres nesse campo permanece uma realidade (CASAGRANDE et al., 2016).

As mulheres vêm desempenhando papéis relevantes e contribuindo significativamente para o avanço técnico, científico e humano da Engenharia Civil. Suas habilidades e perspectivas diversificadas promovem inovação, sensibilidade social e pluralidade de pensamento. No entanto, essas contribuições frequentemente enfrentam barreiras institucionais e culturais que dificultam a equidade de oportunidades (LOMBARDI, 2005; CASAGRANDE et al., 2016).

Nesse contexto, políticas públicas e iniciativas institucionais vêm sendo desenvolvidas com o objetivo de fomentar a igualdade de gênero. Programas como o Pró-Equidade de Gênero, do Governo Federal, representam passos importantes rumo à transformação da cultura organizacional e à promoção de ambientes mais inclusivos (BRASIL, 2013). Ainda assim, os desafios persistem, exigindo uma abordagem contínua, crítica e comprometida com a equidade.

Diante desse panorama, este trabalho tem como objetivo analisar a representação das mulheres no curso de Engenharia Civil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Campo Mourão. A pesquisa busca compreender as adversidades enfrentadas pelas alunas durante sua formação acadêmica, identificar padrões de ingresso e evasão, e avaliar a participação feminina em atividades extracurriculares como pesquisa e extensão.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Área de estudo

A presente pesquisa foi desenvolvida no curso de Bacharelado em Engenharia Civil da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Campo Mourão (UTFPR-CM), localizado na região centro-oeste do estado do Paraná. A UTFPR, atualmente

15 a 18 DE SETEMBRO DE 2025
CAMPINAS - SP

reconhecida como a primeira Universidade Tecnológica do Brasil, teve sua origem em 1909, com a criação da "Escola de Aprendizes Artífices", e passou por diversas transformações institucionais até alcançar seu atual status, conforme estabelecido pela Lei Federal nº 11.184, de 7 de outubro de 2005 (LORENZONI, 2005).

Atualmente, o curso de Engenharia Civil é oferecido em regime semestral, com período integral e duração de cinco anos (dez semestres). São disponibilizadas 44 vagas por semestre, preenchidas majoritariamente por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), utilizando as notas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como critério de ingresso. O curso também aceita transferências internas e externas, sendo as transferências internas classificadas como reopção de curso.

2.2 Procedimentos metodológicos

Para embasar teoricamente a pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre temas relacionados à representação feminina na engenharia civil. As buscas foram conduzidas em bases de dados reconhecidas pela comunidade científica, tais como Google Acadêmico, Scopus e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foram utilizados descritores como Engenharia Civil, Identidade de Gênero, Mulheres e Equidade de Gênero, combinados por meio dos operadores booleanos "AND" e "OR", com o intuito de refinar os resultados e atender aos objetivos da investigação.

O levantamento de dados quantitativos foi realizado a partir de registros institucionais da UTFPR-CM, com foco no curso de Engenharia Civil. Os dados abrangem o período compreendido entre o primeiro semestre de 2010 e o segundo semestre de 2023, e foram obtidos junto ao Departamento de Registros Acadêmicos (DERAC), bem como por meio de relatórios analíticos extraídos dos sistemas corporativos da instituição. As informações coletadas permitiram identificar o número de ingressantes por gênero, os padrões de entrada (vestibular, ENEM ou transferência), o status acadêmico das estudantes (regular, trancada, formada ou desistente) e os índices de evasão feminina ao longo do tempo.

Além disso, foi analisada a participação das alunas em atividades de pesquisa e extensão, com ênfase em iniciativas como o Programa de Educação Tutorial (PET) e a Pórticos, Empresa Júnior vinculada ao curso. Os dados referentes a essas atividades foram obtidos junto à Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação (DIRPPG) e à Diretoria de Relações Empresariais e Comunitárias (DIREC) do campus. Ressalta-se que os dados sobre participação em projetos de pesquisa e extensão foram limitados por registros incompletos em alguns períodos, o que pode influenciar a representatividade total dos resultados.

As informações obtidas foram organizadas em tabelas e submetidas a tratamento estatístico, de forma a facilitar a visualização de padrões, tendências e possíveis correlações entre gênero e permanência ou participação no curso.

Complementando a análise quantitativa, foi conduzida uma investigação qualitativa com o intuito de aprofundar a compreensão sobre a vivência das alunas no curso de Engenharia Civil. Para isso, foi aplicado um questionário online, sem a obrigatoriedade de identificação da respondente, por meio da plataforma *Google Forms*. O questionário foi composto por aproximadamente 15 perguntas estruturadas, abordando temáticas relacionadas ao cotidiano acadêmico, participação em atividades extracurriculares, desafios enfrentados no ambiente universitário e percepções sobre equidade de gênero e perspectivas de carreira na engenharia civil.

A amostra da pesquisa foi composta exclusivamente por estudantes do sexo feminino, regularmente matriculadas entre o 1º e o 10º período do curso, totalizando cerca de 30% do universo de alunas ativas. Não foram aplicados critérios de exclusão, o que permitiu um retrato diversificado e representativo da realidade vivida por essas acadêmicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perfil de Ingresso no Curso de Engenharia Civil

Dados de Relatórios Analíticos de Gestão (UTFPR, 2024) indicam que, no período entre o primeiro semestre de 2010 e o segundo semestre de 2023, o total de ingressantes nos cursos de Engenharia Civil nos campi da UTFPR se distribuiu da seguinte forma: 1396 (Campo Mourão), 1395 (Pato Branco), 1335 (Curitiba), 1232 (Toledo), 927 (Guarapuava) e 824 (Apucarana). Observa-se que o campus de Campo Mourão apresenta o maior número de estudantes admitidos no período, superando os demais campi. Esse destaque numérico reforça a relevância de se analisar especificamente o contexto local no que diz respeito às questões de gênero.

No entanto, segundo a mesma fonte, embora o número total de ingressantes no campus seja expressivo, a distribuição por gênero evidencia um cenário desigual. Dentre os 1396 ingressantes, apenas 35% dos ingressantes são do sexo feminino, enquanto 65% são do sexo masculino. Tal discrepância reflete a persistente sub-representação feminina na área de Engenharia Civil, corroborando estudos que apontam a existência de barreiras culturais e sociais que dificultam o acesso das mulheres aos cursos da área de exatas e tecnologia.

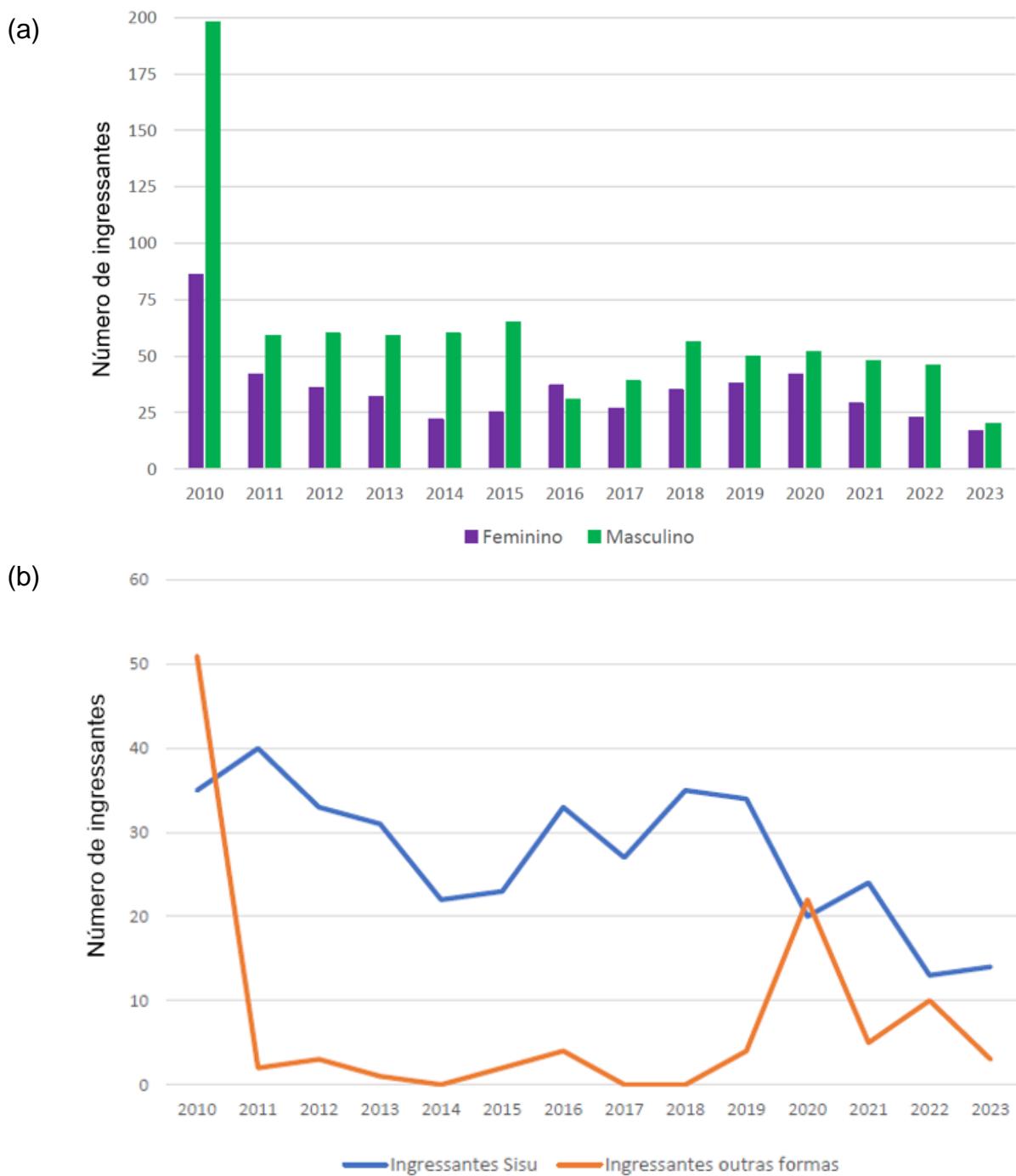
A Figura 1 (a) apresenta a evolução anual da entrada de estudantes no curso. Pode-se observar que, ao longo do período analisado, o número de homens ingressantes foi predominantemente superior ao de mulheres. A única exceção relevante ocorreu no ano de 2016, quando a entrada de mulheres superou, ainda que temporariamente, a de homens. Apesar disso, esse dado isolado não reflete uma mudança estrutural, já que os anos seguintes voltaram a apresentar um padrão de predominância masculina.

Outro aspecto relevante diz respeito às formas de ingresso. A Figura 1 (b) demonstra que o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), que utiliza as notas do ENEM, é o principal meio de acesso ao curso, tanto para homens quanto para mulheres. No entanto, em determinados anos, como 2010 e 2020, observou-se um aumento significativo no número de ingressantes por outras vias, como transferências internas ou externas. Em anos como 2014, 2017 e 2018, o ingresso feminino ocorreu exclusivamente via Sisu, apontando para uma centralização cada vez maior do processo seletivo nesse sistema.

Essa variabilidade nos padrões de ingresso pode estar relacionada a diversos fatores, como mudanças nas políticas públicas de acesso ao ensino superior, reformulações nos processos seletivos e transformações no perfil socioeconômico dos candidatos. Para as mulheres, essas mudanças podem representar tanto oportunidades quanto desafios adicionais, considerando que barreiras culturais e desigualdades estruturais frequentemente dificultam seu acesso a cursos tradicionalmente masculinos, como a Engenharia Civil.

A predominância masculina, tanto em números absolutos quanto proporcionais, evidencia a necessidade de ações afirmativas e políticas institucionais voltadas à promoção da diversidade e inclusão. Tais medidas poderiam não apenas equilibrar a presença de mulheres no curso, mas também contribuir para a criação de um ambiente acadêmico mais acolhedor, equitativo e representativo das diferentes realidades sociais.

Figura 1 – Número de ingressantes no curso de Engenharia Civil da UTFPR-CM: (a) Por gênero masculino e feminino; (b) Ingresso feminino por padrão de entrada.



Fonte: Adaptado de UTFPR (2024).

3.2 Permanência e vínculo acadêmico

A análise da permanência e do vínculo acadêmico dos estudantes no curso de Engenharia Civil da UTFPR – Campus Campo Mourão (UTFPR-CM) entre os anos de 2010 e 2023 revela padrões relevantes sobre a trajetória dos discentes, especialmente em relação às

15 a 18 DE SETEMBRO DE 2025
CAMPINAS - SP

diferenças de gênero. Para essa análise, foram consideradas as diversas situações acadêmicas dos alunos, como matrícula regular, trancamento de curso, afastamento, conclusão e desistência, além dos dados referentes à evasão.

O quantitativo de estudantes regularmente matriculados ao longo dos anos, indicado na Figura 2 (a), demonstra uma predominância masculina, embora com oscilações no nível de disparidade entre os sexos. Entre 2014 e 2019, observou-se um aumento expressivo dessa diferença, com a quantidade de homens crescendo enquanto a de mulheres apresentava queda. Por exemplo, em 2013, havia 274 mulheres e 475 homens em situação regular; já em 2014, os números passaram para 246 mulheres e 481 homens. Apesar dessa tendência, em 2023 observou-se uma aproximação nos dados, com 223 mulheres e 336 homens, representando o ano mais equilibrado da série histórica. Ainda assim, a igualdade de gênero está longe de ser alcançada, evidenciando a necessidade de políticas institucionais voltadas à equidade.

O número de estudantes com curso trancado seguiu uma tendência diferente, como mostra a Figura 2 (b). Até 2020, predominavam os homens nessa condição. A partir de 2021, entretanto, houve uma inversão, com um aumento expressivo do trancamento por parte das mulheres — fato que coincide com o período da pandemia de COVID-19 e persiste mesmo após esse período. Isso levanta hipóteses sobre o impacto desproporcional da pandemia na vida acadêmica das alunas, o que pode merecer estudos mais aprofundados quanto às causas e consequências desse fenômeno.

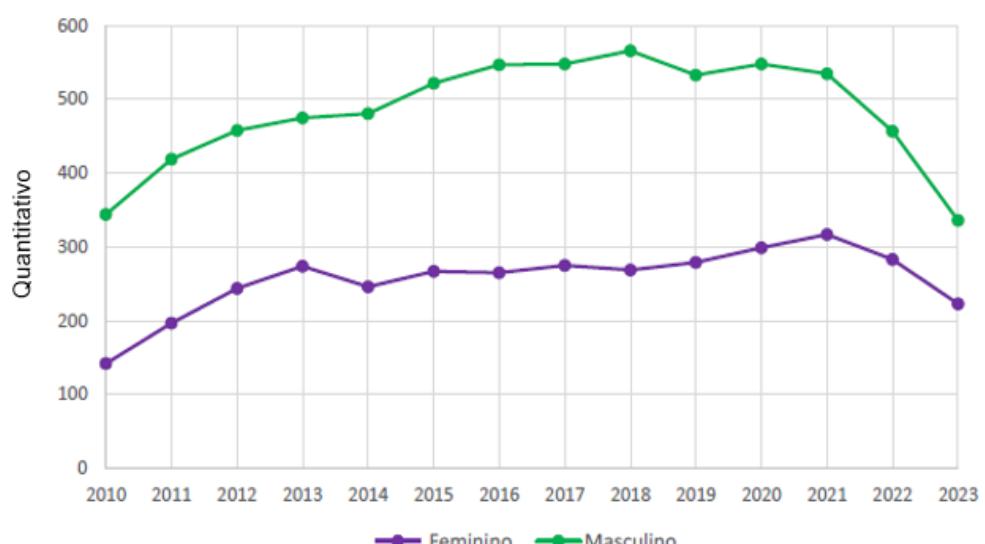
Em relação aos afastamentos, indicados na Figura 2 (c), o ano de 2014 registrou o maior número (61 alunos), com predominância masculina (65,57%). Contudo, entre 2018 e 2021, essa proporção se inverteu, com mais afastamentos entre as mulheres. Esse padrão pode estar associado a mudanças no contexto institucional e social, incluindo fatores como políticas educacionais, condições socioeconômicas, saúde mental e acesso a recursos. A literatura aponta que a permanência dos estudantes está fortemente ligada à qualidade de ensino, ao apoio institucional e à acessibilidade a serviços educacionais e tecnológicos (DAVOK; BERNARD, 2016).

A formação de estudantes também apresenta marcantes desigualdades de gênero, conforme a Figura 3 (a). Ao longo do período analisado, homens concluíram o curso em maior número. A maior disparidade ocorreu em 2023, com 53 homens e apenas 19 mulheres formadas. Em contraste, o ano de 2016 apresentou o cenário mais equilibrado, com 32 homens e 30 mulheres. A queda no número de formandos em 2021, segundo ano da pandemia, foi significativa para ambos os sexos, mas afetou mais severamente as mulheres, o que reforça os indícios de que fatores externos impactam de forma distinta a trajetória acadêmica de homens e mulheres.

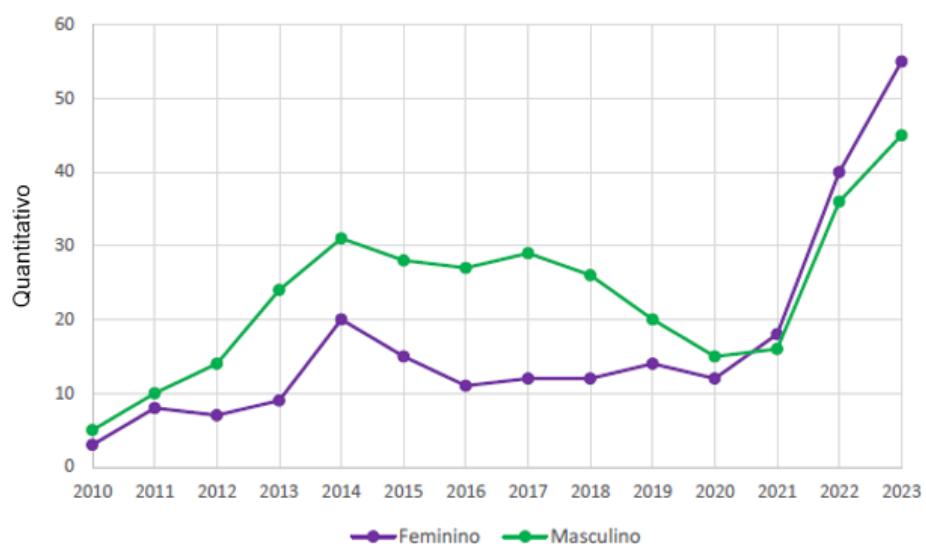
Conforme a Figura 3 (b), a desistência ao longo dos anos também foi mais frequente entre os homens, com o maior número registrado em 2022 — primeiro ano de retorno presencial após a pandemia. Para as mulheres, o menor índice de desistência ocorreu em 2014, e o maior em 2023. Segundo Oliveira (2019), diversos fatores influenciam a decisão de desistir da graduação em Engenharia, incluindo dificuldades com disciplinas como matemática e cálculo, baixa autoestima, frustração com reprovações e percepção de inadequação ao curso. Esses fatores são agravados por um ambiente predominantemente masculino e competitivo, além da falta de apoio institucional e problemas emocionais, como ansiedade e depressão. As expectativas familiares e pressões sociais também influenciam a decisão de interromper os estudos.

Figura 2 – Estudantes no curso de Engenharia Civil da UTFPR-CM: (a) Regulares; (b) Com matrícula trancada; (c) Afastados.

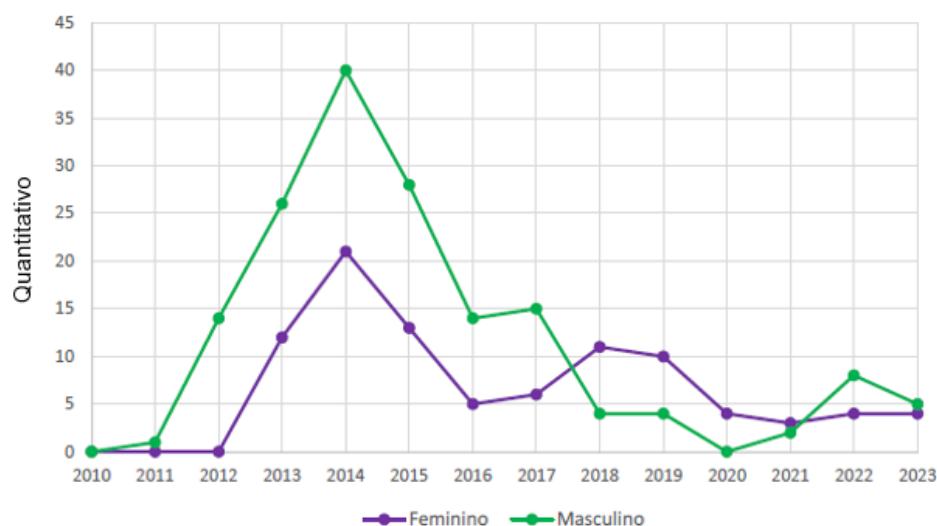
(a)



(b)

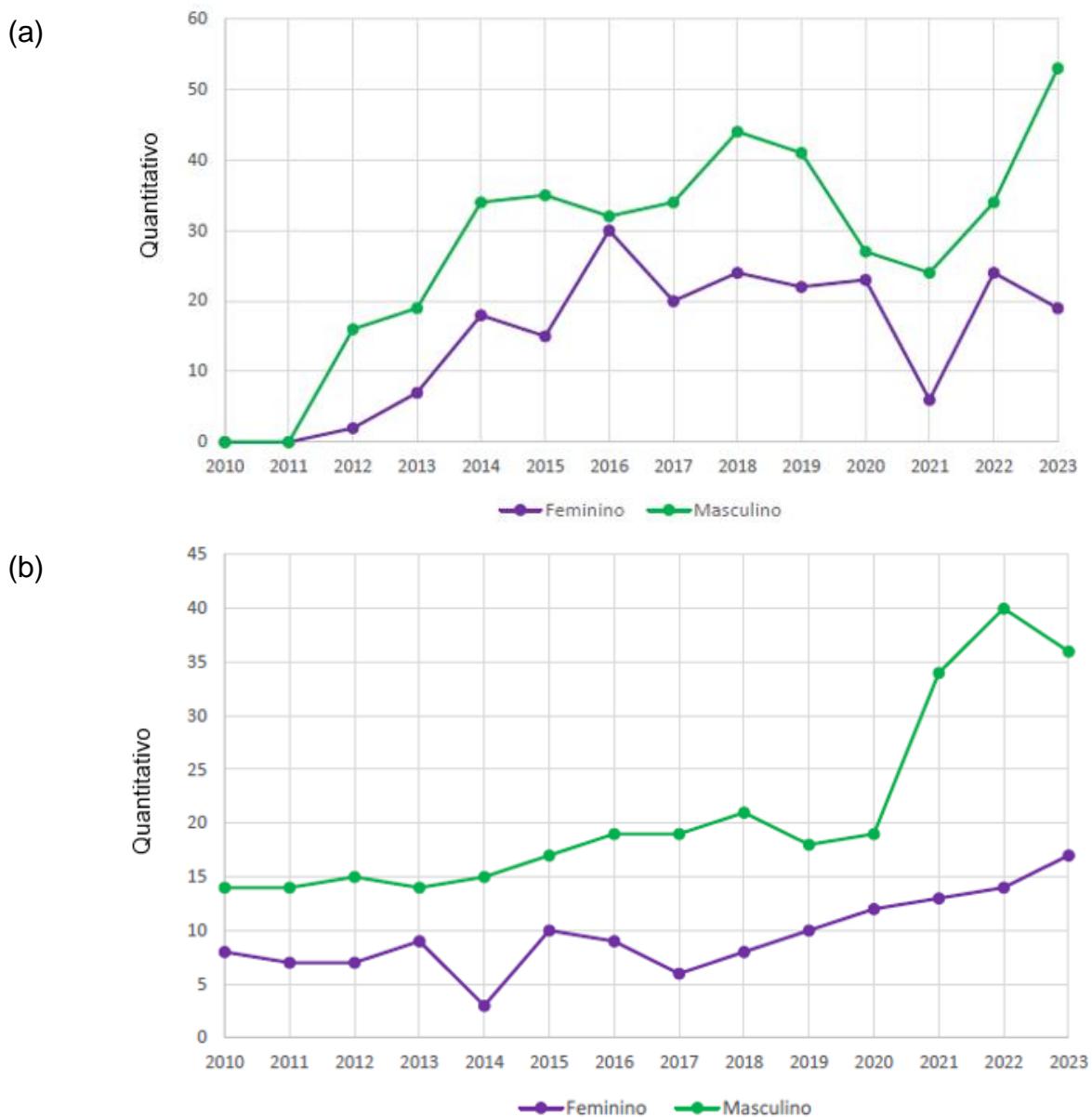


(c)



Fonte: Adaptado de UTFPR (2024).

Figura 3 – Estudantes no curso de Engenharia Civil da UTFPR-CM: (a) Formados; (b) Desistentes.

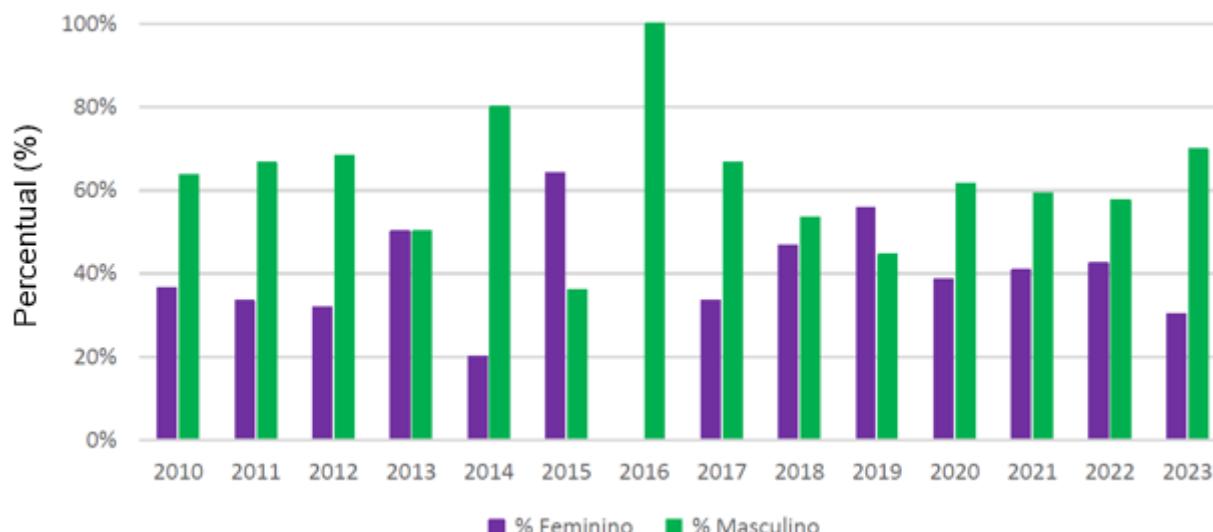


Fonte: Adaptado de UTFPR (2024).

A evasão acadêmica representa um importante indicador da permanência no ensino superior. Os dados referentes a esse critério estão apresentados na Figura 4. Observou-se que, em média, 63% das evasões foram protagonizadas por homens, enquanto as mulheres representaram 37%. Em 2016, nenhuma evasão feminina foi registrada. A crise econômica e política vivida pelo país nesse período pode ter contribuído para a permanência dos estudantes, devido à valorização do ensino superior público como instrumento de mobilidade social. Após um período de estabilidade, os anos de 2021 e 2022 apresentaram aumento nas taxas de evasão, atribuídos às dificuldades impostas pela pandemia, como o ensino remoto, falta de acesso à tecnologia, isolamento social e ausência de suporte emocional e acadêmico (CASTRO; PACHECO; SIMON, 2024; SENA et al., 2024).

15 a 18 DE SETEMBRO DE 2025
CAMPINAS - SP

Figura 4 – Evasão no curso de Engenharia Civil da
 UTFPR-CM.



Fonte: Adaptado de UTFPR (2024).

3.3 Participação feminina em atividades acadêmicas

A participação feminina nas atividades acadêmicas no curso de Engenharia Civil da UTFPR-CM, entre os anos de 2018 e 2023, apresenta indícios positivos de avanços rumo à equidade de gênero. A presença das mulheres em projetos de extensão, iniciação científica, programas institucionais como o PET (Programa de Educação Tutorial) e na Empresa Júnior Pórticos tem se consolidado ao longo do tempo, ainda que desafios importantes permaneçam, sobretudo em determinadas modalidades.

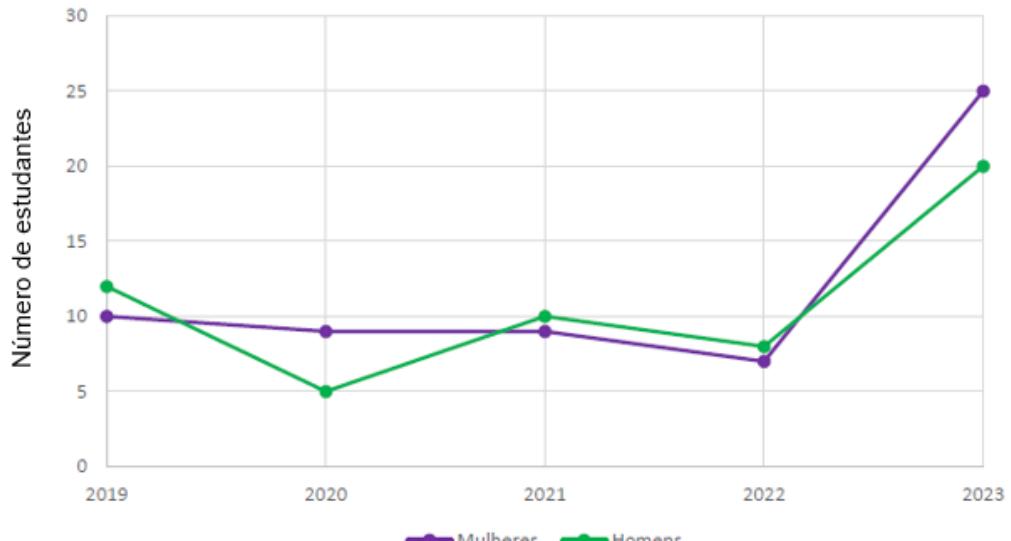
As atividades de extensão, que articulam a universidade com a sociedade por meio de ações práticas, evidenciam um crescente protagonismo feminino, conforme Figura 5 (a). No caso específico dos projetos de extensão, embora em 2019 os homens tenham sido maioria (12 contra 10 mulheres), essa diferença foi progressivamente superada. A partir de 2020, observa-se um equilíbrio mais acentuado, culminando em 2023 com a expressiva participação de 25 mulheres frente a 20 homens, o que representa uma virada significativa e reflete o crescente engajamento das alunas em iniciativas de impacto social, cultural e educacional.

Na iniciação científica, por sua vez, o cenário é mais instável e preocupante, como mostra a Figura 5 (b). Apesar de um momento de paridade em 2019-2020, com sete participantes de cada gênero, os anos seguintes evidenciam um declínio na participação geral, com destaque para a redução da presença feminina. No ciclo 2022-2023, por exemplo, apenas uma mulher participou, e nenhum homem foi registrado. Esses dados sugerem a necessidade de estratégias específicas de incentivo à permanência feminina na pesquisa acadêmica, uma vez que o ambiente científico ainda pode apresentar barreiras implícitas à equidade de gênero.

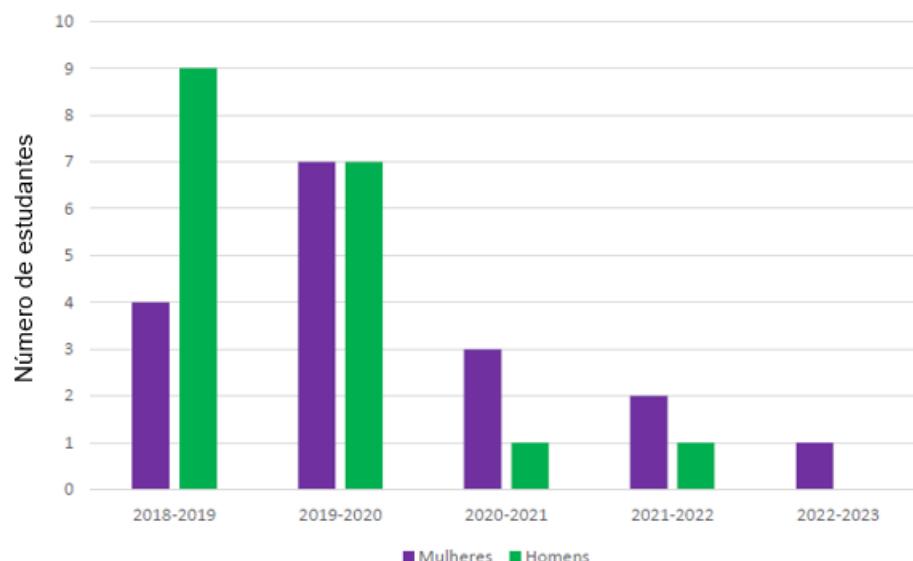
Já nos eventos de extensão, a presença feminina tem se mostrado notável, especialmente em 2019, com 13 mulheres frente a 9 homens, como mostra a Figura 5 (c). Mesmo com oscilações ao longo dos anos e uma interrupção momentânea em 2022, a retomada em 2023 reafirma a disposição das alunas em participar dessas iniciativas. Tal constância indica que os eventos de extensão representam um ambiente de acolhimento e reconhecimento das competências das estudantes.

Figura 5 – Participação de estudantes do curso de Engenharia Civil da UTFPR-CM em: (a) Projetos de extensão; (b) Iniciação Científica; (c) Eventos de extensão.

(a)



(b)



(c)



Fonte: Adaptado de UTFPR (2024).

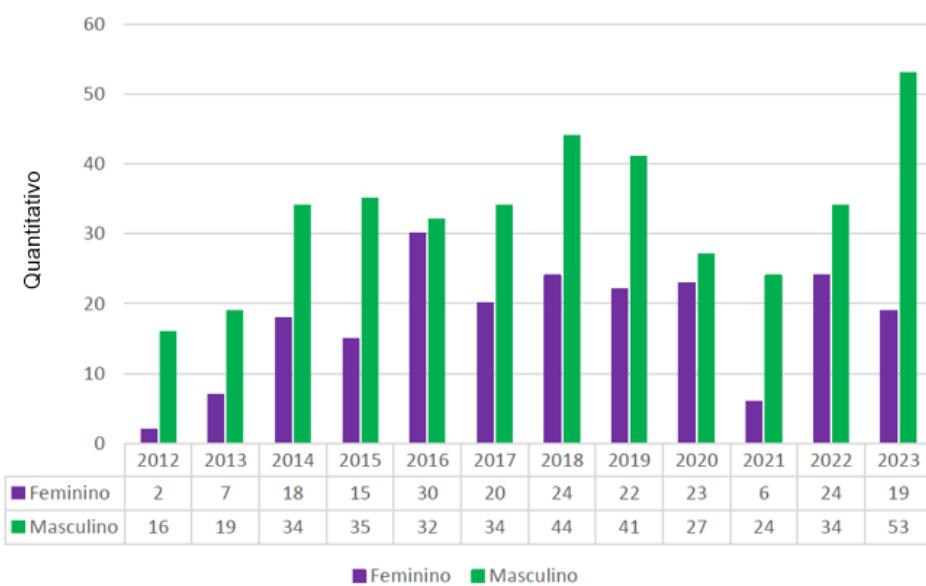
A análise do Programa de Educação Tutorial (PET) revela uma composição quase equilibrada entre gêneros, com 44 homens e 36 mulheres ao longo dos anos de funcionamento do grupo. Embora ainda haja uma ligeira maioria masculina, a proximidade dos números aponta para avanços concretos na inclusão feminina em grupos que promovem o desenvolvimento acadêmico e pessoal por meio de projetos, eventos e ações integradas.

Por fim, na Empresa Júnior Pórticos, os dados são ainda mais promissores. Desde sua fundação em 2013 até o início de 2024, 73 mulheres participaram, em comparação a 83 homens. A diferença é pequena e sinaliza que a vivência empresarial tem se mostrado uma oportunidade igualmente atrativa e acessível para alunas do curso, contribuindo para sua formação profissional e protagonismo no ambiente universitário.

3.4 Análise dos concluintes do curso

A análise dos concluintes do curso de Engenharia Civil da UTFPR-CM (Figura 6), no período de 2012 a 2023, revela uma predominância masculina, embora haja indícios de avanços graduais na participação feminina. O número de formandos do sexo masculino mostra tendência de crescimento, com picos significativos em 2018, 2019 e um aumento expressivo em 2023, ano com o maior número de concluintes da série histórica. As formandas, apesar de representarem um contingente menor, também apresentaram crescimento ao longo dos anos.

Figura 6 – Estudantes que concluíram o curso de Engenharia Civil da UTFPR-CM.



Fonte: Adaptado de UTFPR (2024).

3.5 Análise de representatividade feminina

A análise dos dados obtidos por meio do questionário aplicado às estudantes do curso de Engenharia Civil da UTFPR – Campus Campo Mourão permitiu identificar aspectos relevantes sobre a representatividade feminina na graduação. A amostra foi composta por alunas regularmente matriculadas entre o 1º e o 10º período, representando aproximadamente 30% do total de discentes do sexo feminino ativas no curso.

Os resultados demonstraram uma predominância de alunas jovens, com idades entre 21 e 25 anos, embora também se observe a presença de mulheres com mais de 30 anos, o

15 a 18 DE SETEMBRO DE 2025
CAMPINAS - SP

que revela diversidade etária e múltiplas trajetórias acadêmicas. Quanto ao estado civil, a maioria declarou-se solteira e sem filhos, indicando, possivelmente, as exigências de dedicação integral impostas pela graduação e os desafios de conciliar a vida acadêmica com responsabilidades familiares.

No que se refere à motivação para a escolha do curso, a maioria das alunas apontou afinidade com a área e identificação com a profissão, o que reforça o comprometimento das mulheres com sua formação e atuação na engenharia. No entanto, apesar dessa motivação, os dados também evidenciam desafios. A participação em atividades extracurriculares, como pesquisa e extensão, ainda é limitada, sugerindo a existência de barreiras no acesso a essas oportunidades — sejam elas de ordem institucional, pessoal ou estrutural.

A percepção sobre a representatividade feminina no curso apresentou resultados ambíguos: embora muitas estudantes relatam que a baixa presença de mulheres não afeta diretamente sua trajetória, outras apontam que a ausência de professoras em disciplinas técnicas e de referências femininas na área contribui para um sentimento de isolamento e insegurança. Além disso, foram relatados episódios de preconceito e machismo no ambiente acadêmico, desde desigualdade de tratamento por parte de docentes até desvalorização em contextos práticos e estágios.

Cerca de 30% das respondentes afirmaram que o tratamento igualitário por parte dos docentes ocorre apenas esporadicamente, enquanto quase 20% relataram experiências frequentes de machismo. A percepção de dificuldades adicionais para a inserção no mercado de trabalho também se destacou: 38,9% das alunas acreditam que poderão enfrentar obstáculos para conseguir estágio em função do gênero.

Esses dados apontam para a persistência de barreiras que afetam a vivência acadêmica e profissional das mulheres na Engenharia Civil. A análise reforça a necessidade de ações afirmativas e políticas de apoio que promovam a equidade de gênero, a valorização das estudantes e a construção de um ambiente universitário mais inclusivo e igualitário.

4 CONCLUSÕES

A análise da participação feminina no curso de Engenharia Civil da UTFPR – Campus Campo Mourão revelou importantes aspectos sobre os padrões de ingresso, permanência, evasão e envolvimento em atividades acadêmicas. São destacadas as principais conclusões:

- A predominância masculina ainda caracteriza o perfil do curso, refletindo barreiras sociais e culturais de longa data.
- A pandemia de COVID-19 impactou de forma desproporcional as alunas, refletindo-se em aumento no número de trancamentos e afastamentos femininos a partir de 2021.
- A necessidade de políticas afirmativas, programas de apoio psicossocial e ações de valorização da diversidade é evidente.
- A criação de ambientes acadêmicos mais inclusivos pode contribuir diretamente para o aumento da permanência e para o fortalecimento do protagonismo feminino.

Dessa forma, os dados revelam que o fortalecimento de políticas públicas, a promoção da equidade no ambiente universitário e o incentivo à participação ativa das mulheres em todos os espaços acadêmicos e profissionais continuam sendo fundamentais para superar as desigualdades de gênero na engenharia.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Campo Mourão, pelo suporte institucional concedido para a pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça: guia operacional. Secretaria de Políticas para as Mulheres, 5^a edição. Brasília, 2013.

CASAGRANDE, L. S. et al. **Contrastes e similaridades: um olhar de gênero sobre cursos de engenharias e licenciaturas da UTFPR e da UFBA**. Cadernos de Gênero e Tecnologia, v. 9, n. 34, p. 41-57, 2016.

CASTRO, P. A. A.; PACHECO, A. S. V.; SIMON, L. W. **Efeitos da pandemia de Covid-19 sobre a evasão estudantil nos cursos de graduação da UFFS**. Revista Meta: Avaliação, v. 16, n. 52, p. 706-727, 2024.

DAVOK, D. F.; BERNARD, R. P. **Avaliação dos índices de evasão nos cursos de graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC**. Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 21, n. 2, p. 503-522, 2016.

FECLESC, N. B. **Mulher e Universidade: a longa e difícil luta contra a invisibilidade**. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE OS SETE SABERES, 2010, Bahia. Anais [...]. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia, 2010.

LOMBARDI, M. R. **Perseverança e resistência: a engenharia como profissão feminina**. 2005. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2005.

LORENZONI, I. **Cefet do Paraná já é universidade tecnológica**. 10 out. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/209-564834057/4496-sp-703560069>. Acesso em: 21 abr. 2024.

OLIVEIRA, V. A. M. et al. **“Deixe para os meninos”: gênero e desistência na ciência e na tecnologia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Comunitário) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná, 2019.

SARAIVA, K. **Produzindo engenheiras**. Revista de Ensino de Engenharia, Passo Fundo, v. 27, n. 1, p. 48-56, jan./jun. 2008.

SCOTT, J. W.; LOURO, G. L.; SILVA, T. T. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SENA, A. M. et al. **Evasão escolar no ensino superior: efeitos da pandemia no processo de evasão e permanência dos estudantes em curso de licenciatura em ciências exatas de uma universidade federal do sul do Brasil**. Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino, v. 8, n. 2, p. 1997-2021, 2024.

SILVA, G. C. C. et al. **A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais**. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 8, n. 2, p. 65-76, 2005.

UTFPR. **Relatório de gestão do Departamento de Registros Acadêmicos da UTFPR**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Campo Mourão, 2024.

